

# O DISCURSO ANTIMILITARISTA DE CHICO BUARQUE

**ROCHA**, Anne Kelly Oliveira <sup>1</sup>

[anne.kelly@oi.com.br](mailto:anne.kelly@oi.com.br)

**SILVA**, Edna Maria Gonçalves da <sup>2</sup>

[edna.maria@oi.com.br](mailto:edna.maria@oi.com.br)

**GALLY**, Christianne de Menezes (Orientadora)

Licenciada em Letras /Português, Mestre em História da Educação, Especialista em Língua Portuguesa MEC/FNDE, Revisora geral da UAB, Professora Adjunta III da Universidade Tiradentes.

[chrisfreitasgally@yahoo.com.br](mailto:chrisfreitasgally@yahoo.com.br)

## RESUMO

O objetivo deste artigo é propor uma análise do discurso antimilitarista contido nas músicas “Construção” e “Deus lhe pague” do compositor, escritor e cantor Chico Buarque de Holanda. Partimos da idéia de que nenhum discurso é neutro e nos apoiamos nas perspectivas de teóricos, como Pêcheux, Althusser, Bakhtin e Foucault, para fazer esta análise. A abordagem discursiva de suas obras, por indivíduos que não viveram no período da ditadura militar, promove um ganho substancial na construção do conhecimento das áreas social, cultural, econômica e histórica daquela época. Este artigo, portanto, trabalha com uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica, tendo como base, além dos autores com literaturas dirigidas à Análise do Discurso, também materiais já elaborados: livros autobiográficos, discografia,

---

<sup>1</sup>Anne Kelly Oliveira Rocha. aluna do 6º período do curso de Letras da Universidade Tiradentes

<sup>2</sup>Edna Maria Gonçalves da Silva aluna do 6º período do curso de Letras da Universidade Tiradentes

reportagens, revistas, shows gravados em DVD, artigos científicos e monografias.

Palavras –chave: Análise do Discurso, Chico Buarque, denúncia.

## CHICO BUARQUE E A ANÁLISE DO DISCURSO

Chico Buarque<sup>3</sup> já foi considerado uma unanimidade nacional; já foi chamado de alienado pelos tropicalistas e invocado como voz dos exilados brasileiros. Eleito recentemente o músico brasileiro do século, ele é referência obrigatória quando se fala em música brasileira. Nos últimos quarenta anos, não há como negar as influências poéticas, harmônicas e críticas que seu trabalho exerceu sobre a música popular brasileira. Suas composições propõem uma visão interpretativa da sociedade. As palavras revelam uma força para além da semântica e um apelo de compreensão por parte da sociedade. Tamanho é seu talento que lhe permite lançar mão de uma pluralidade de métodos para revelar muito mais implícita do que explicitamente a ideologia, a história, a denúncia e a busca pelo entendimento de si mesmo, do outro e do momento vivido. Dono de uma inteligência aguçada, consegue com sua poesia traçar movimentos históricos e sociais que nos permite compreender aspectos repressivos da ditadura militar no Brasil.

Sendo a Análise do Discurso um método de interpretação, faremos uso dos conceitos utilizados pela AD para identificarmos as vozes e as posições sociais dos sujeitos aí

---

<sup>3</sup> Compositor, escritor e cantor Francisco Buarque de Holanda nasceu no Rio de Janeiro no dia 19 de julho de 1944. Filho do historiador e sociólogo Sérgio Buarque de Holanda, abandonou a faculdade de Arquitetura para dedicar-se à música. Têm em sua discografia aproximadamente 50 obras gravadas. Na literatura: uma novela pecuária, várias peças teatrais escritas em parceria com outros autores, ou somente musicadas, livros infantis e três romances.

envolvidos no enredo. Nesta análise estaremos a procura do discurso anti-militar implícito em várias canções.

A música foi muito usada para protestar contra as atrocidades cometidas pelas autoridades durante os vinte anos de ditadura militar no Brasil<sup>4</sup> Esse artigo se reporta aos enunciados de Foucault, quando busca recursos para identificar as questões filosóficas e o vínculo do sujeito com a história, e a Bakhtin, quando busca orientação no sentido da construção do sujeito por dialogismo e interação. Os textos revelam funções sociais e, no discurso buarqueano, encontramos artifícios poéticos usados para denunciar os amargos tempos vividos, no Brasil, com tristes experiências de indignidade individual e coletiva.

Em 1960, na França, Michel Pêcheux, ligado a ideais políticos marxistas, preocupado com a luta de classes, a história e o movimento social, deu os primeiros passos em direção à Análise do Discurso. Um de seus alunos, o filósofo Althusser, postula um projeto filosófico pautado na ideologia e no aparelho ideológico do Estado. Nele as ideologias têm existência material e devem ser estudadas não como idéias, mas como um conjunto de práticas materiais que reproduzem as condições de produção. As condições de produção envolvem condições históricas, sociais e muitas vezes de diversas classes sociais. Foucault, tido como “filósofo maldito” desconstrói a história e diz que não existe a linearidade dos fatos como a história conta. O que ocorre é que uma visão futura dos fatos permite, a partir do que interessa, que se junte várias ações que culminaram num determinado final. A linguagem é o foco dessa relação de poder. Cleudemar, analisando Foucault afirma:

---

<sup>4</sup> Em 1964 o Brasil sofre um golpe militar que exila o então Presidente João Goulart e coloca em seu lugar o Mal.Humberto de Alencar Castelo Branco. Até 1985 mais quatro militares passariam pela presidência e todos, dispostos a manter a ordem, fizeram uso de muitas formas de violência.

“As reflexões arroladas em torno das noções de discurso, sentido e sujeito levam-nos a refletir sobre transformações sociais historicamente marcadas. [...]e colocamos em pauta uma questão levantada por Foucault (1995).[...]Os efeitos de sentido desses então enunciados revelam conflitos sociais decorrentes dos espaços de enunciação, dos lugares sociais assumidos por diferentes sujeitos socialmente organizados” (FERNANDES,2007:49)

Mikhail Bakhtin antecipou as principais orientações teóricas dos estudos sobre o texto e o discurso desenvolvidos nos últimos trinta anos. Para Bakhtin, o indivíduo constrói-se e é construído a partir de discursos ideológicos e conceitos de poder, inseridos no contexto histórico, político e social. A partir das vozes contidas em textos, portanto, podemos identificar traços da posição social do sujeito em ação. Num discurso sempre haverá uma manipulação das vozes para causar o efeito de sentido desejado. A polissemia trata exatamente desses efeitos de sentido dados pelo efeito de produção. Para entendermos melhor Bakhtin nos reportamos a Eni Pulcinelli Orlandi. Segundo ela:

“a abordagem da língua deve ser feita pela inserção no contexto social e no universo da tensão humana em que ele atua. O território da língua é lugar de disputa e conflitos, da relação entre o sujeito e a sociedade[...] A análise do discurso introduz, através da noção de sujeito, a ideologia e a situação social e histórica. Ao introduzir a noção de história vai trazer para a reflexão as questões de poder e das relações sociais. O discurso é definido não como transmissor de informação, mas como efeito de sentido entre locutores. Assim, se considera que o que se diz não resulta só da intenção de um indivíduo em informar um outro, mas da relação de sentidos estabelecida por eles num contexto social e histórico”.(ORLANDI,1986.p.60-3)

As músicas de Chico Buarque Construção (anexo I) e Deus lhe pague (anexo II) foram elaboradas artesanalmente com o intuito de permitir que essas vozes fossem ouvidas e o sujeito identificado, além de terem entrado para a história como verdadeiras bandeiras na defesa de certos lugares ideológicos. As construções lingüística e gramaticalmente perfeitas auxiliam na identificação dessas vozes. Para analisar o discurso do homem que se encontra por trás das letras das músicas, teóricos como Foucault e Bakhtin, tornam-se indispensáveis.

Existem três formas de discursos, os lúdicos, os autoritários e os polêmicos. Nos discursos lúdicos, a exemplo das cantigas de roda, a reversibilidade entre os interlocutores é total, o objeto do discurso se mantém como tal na interlocução e o resultado disso é uma polissemia aberta. Nos discursos autoritários, a exemplo do religioso e da justiça, a reversibilidade tende a zero, o objeto do discurso fica oculto, a polissemia é contida, havendo um assujeitamento ao comando. Nos discursos polêmicos a reversibilidade se dá sob certas condições o objeto do discurso está presente, mas sob perspectivas particularizantes dadas pelos participantes que procuram lhe dar uma direção, para isso a polissemia é controlada. Nas músicas “Construção” e “Deus lhe pague”, existe um discurso polêmico, as palavras revelam sutilmente a intenção provocativa desse discurso, as palavras usadas com um certo exagero deixam o ouvinte atento e sugerem uma direção.

Em “Construção”, o sujeito discursivo relata, no mecanicismo da vida operária diária, o constrangimento e a revolta pelo lugar que ocupa na sociedade. Na abordagem socialista de Bakhtin, um indivíduo é coagido e reprimido por alguém que usa a linguagem como forma de poder. Há uma produção do sentido que deriva da consciência do sujeito, tanto o que fala quanto o que ouve. O ouvinte produzirá o sentido, negando tudo que não identifica na linguagem e afirmando o que identifica em seu conhecimento individual. Sendo assim, o sujeito não pode ser o total responsável pela produção de sentido, pois seu repertório está fazendo relações e conexões com muitas outras vozes que já se encontram plantadas em seu discurso. Para Bakhtin:

“Compreender sem julgar é impossível. As duas operações são inseparáveis; são simultâneas e constituem um ato total. A pessoa aproxima-se da obra com uma visão do mundo já formada, a partir de um dado ponto de vista. Esta situação em certa medida determina o juízo sobre a obra, mas nem por isso permanece inalterada: ela é submetida à ação da obra que sempre introduz algo novo. [...] Compreender não deve excluir a possibilidade de uma modificação, ou até de uma renúncia, do ponto de vista pessoal. O ato de compreensão supõe um combate móbil, consiste numa modificação e num enriquecimento recíprocos”. (BAKHTIN,1992:382)

A interação verbal entre os indivíduos é o foco principal das pesquisas de Bakhtin, é a base para a concepção de sujeito, formado a partir do diálogo e do meio sócio-cultural em que está inserido. Sob essa ótica, entendemos que seus estudos visam a um relacionamento entre o individual e o coletivo, pois os discursos co-existem em uma estrutura social. Na música “Construção”, podem ser identificadas as vozes de uma parcela da população que vive sob a égide da hibridez étnica e cultural. Num espaço predominantemente urbano, o sujeito segue formando um círculo vicioso que, ao invés de uma interação com a realidade, responde sempre com uma atitude mecânica, como numa linha de produção. O sujeito vítima do capitalismo selvagem repete modos, costumes e hábitos, misturando-se uns com os outros. "Amou daquela vez como se fosse o último/ Beijou sua mulher como se fosse a única/ E cada filho seu como se fosse o pródigo/ E atravessou a rua com seu passo bêbado"

Segundo Foucault, o sujeito deve ser analisado subjetivamente. Dependendo da posição em que está inserido, ao manifestar-se ou ser manifestado em um discurso, ele pode ser entendido socialmente. Por meio do discurso, é que o sujeito é percebido como mais ou menos privilegiado na organização do poder. A prática discursiva é cercada por uma série de regras sociais que determinam a maneira de ver, sentir e reagir de cada indivíduo. Diversas técnicas são utilizadas para que a ordem não seja perturbada. Em “Deus lhe pague” no trecho: “Por mais um dia, agonia, pra suportar e assistir/ pelo rangido dos dentes, pela cidade a zunir/ e pelo grito demente que nos ajuda a fugir/ Deus lhe pague”, podemos identificar os suplícios e torturas físicas e psicológicas, ocorridas na ditadura militar. Nesse período foram criados diversos mecanismos e estratégias punitivas para que não se quebrasse a “ordem natural das coisas”. Segundo Foucault:

“(…) as diversas modalidades de enunciação, em lugar de remeterem à síntese ou à função unificante de *um* sujeito, manifestam sua dispersão: nos diversos status, nos diversos lugares, nas diversas posições que pode ocupar ou receber quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala. Se esses planos estão ligados por um sistema de

relações, este não é estabelecido pela atividade sintética de uma consciência idêntica a si, muda e anterior a qualquer palavra, mas pela especificidade de uma prática discursiva” (FOUCAULT,2004:61).

Tanto para Foucault como para Bakhtin, a diferença de classes e as lutas em nome da consciência libertadora, constantes em alguns discursos, têm origem em idéias marxistas, que são resultantes de fatores sociais que buscam, através do discurso, alertar os indivíduos para a busca por uma sociedade mais justa. Karl Marx trata a luta de classes como o grande propulsor para a movimentação histórica, e nesse contexto, Foucault relaciona saber e poder na sociedade contemporânea. O poder age por meio de técnicas e funcionamentos, o que significa que ele se estende por todas as camadas da sociedade.

Em “Construção” percebemos um discurso com marcas de um narrador observador em terceira pessoa, que acompanha os passos de um operário em seu último dia de vida. Sem saber que caminha para a morte, o sujeito repete o mesmo gesto de todo dia. “Amou daquela vez como se fosse máquina/ Beijou sua mulher como se fosse lógico/ Ergueu no patamar quatro paredes flácidas/ Sentou pra descansar como se fosse um pássaro”. A canção relata a angústia apática de um operário, representante de uma classe que constrói uma cidade sem fazer parte dela. Podemos ver isso ao atentarmos para o trecho: “Subiu a construção como se fosse máquina. Ergueu no patamar quatro paredes sólidas. Tijolo com tijolo num desenho mágico. Seus olhos embotados de cimento e lágrima”. Esse indivíduo que se vê obrigado a calar diante de tudo, é um homem como tantos outros, e no qual o discurso está centrado em um sujeito pouco consciente do que acontece ao seu redor, sem cultura, um estorvo para a população quando morre na contramão atrapalhando “o tráfego, o público e o sábado”.

Em “Deus lhe pague”, entretanto, o sujeito é consciente de tudo que acontece a sua volta. E se expressa num tom de revolta, usando um gesto de agradecimento de bom cristão,

alguém que precisa ter essa atitude se não quiser ser vítima das forças repressoras do poder militarista. Segue o texto: “Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir. A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir. Por me deixar respirar, por me deixar existir. Deus lhe pague”. Há nesse trecho um confronto excludente entre o mundo da vida e do prazer de um lado e o da esfera da miséria e da repressão do outro lado.

Historicamente, o poder cria mecanismos novos para se manter. O indivíduo que ousasse criticar as atitudes do Estado era submetido a uma série de interrogatórios a respeito de suas posições político-sociais. Caso as convicções do interrogado não fossem condizentes com as prerrogativas do poder militar, ele era preso, e poderia ser torturado, exilado ou morto. A potência repressora invade os mínimos recantos da atividade humana, assim resta ao indivíduo de quem foi retirada à possibilidade de assumir a própria vida nada mais do que os paliativos costumeiros para suportar uma existência alienada: “domingo que é lindo, novela, missa e gibi”. O sujeito encontra-se em um nível de desvantagem, a ele sobra a “fumaça desgraça”, “moscas bicheiras” e “os andaimes de onde se cai”. O que o sistema lhe permite em vantagens é “cachaça de graça”, “futebol para aplaudir” e o “crime para comentar”. Situação de ininterrupta repressão, de trabalho escravizante que conforma, molda e o leva ao “dia agonia”.

Registros históricos dão conta que havia, nesse período, muitos empregos e também muitos acidentes na construção civil. Além de todo discurso de “Construção”, a denúncia é reforçada em “Deus lhe pague” no trecho: “os andaimes de onde se cai” leva a uma leitura crítica. Os baixos salários e as longas jornadas de trabalho debilitavam os operários que mal alimentados recorriam ao álcool para suportar a dura jornada, a fome e o frio. Em sua trajetória, o sujeito não expressa não só sua função social, ele interage com a família, sua

mulher e filhos: “Beijou sua mulher .....E cada filho seu”. O discurso dá pistas de que é um operário, que supostamente ganha pouco, realidade daquela época e atual, e tem mulher e filhos para sustentar. Podemos imaginar que, como todos os operários, ele trabalhava sob os olhares do encarregado da construção ou alguém que fiscaliza o serviço e o ritmo desse serviço. Ao operário só resta fazer sua tarefa mecanicamente sem questionar ou pensar.

Passo a passo, tijolo com tijolo, sem perder tempo nem dinheiro: “Subiu a construção como se fosse máquina. Ergueu no patamar quadro paredes sólidas. Tijolo com tijolo num desenho mágico. Seus olhos embotados de cimento e lágrima. Esse trabalho mecânico é o registro fiel da sociedade capitalista. As atitudes e ações mecânicas revelam também um sujeito que internalizou o rigor disciplinar imposto pelo poder. Para Foucault”:

“As disciplinas ínfimas de todos os dias podem muito bem estar abaixo do nível de emergência dos grandes aparelhos e das grandes lutas políticas. Elas foram, na genealogia da sociedade moderna, com a dominação de classe que a atravessa, a contrapartida política das normas jurídicas segundo as quais era redistribuído o poder. Daí sem dúvida a importância que se dá há tanto tempo aos pequenos processos da disciplina, [...] daí a afirmação de que estão no próprio fundamento da sociedade, e de seu equilíbrio, enquanto são uma série de mecanismos para desequilibrar definitivamente e em toda a parte as relações de poder”. (FOUCAULT,2003:184)

De 1969 a 1974, o Brasil foi governado pelo General Emilio Garrastazu Médici, terceiro presidente militar. Esse período foi denominado de “Anos de Chumbo” em virtude da violência que era usada pelos militares, para conter qualquer ato de rebeldia ou desobediência. Daí o sujeito de “Construção” ser esse homem apático que parece ter sofrido uma lavagem cerebral. Registros históricos dão conta de que nesse período muitos indivíduos foram torturados das formas mais variadas, chegando muitas vezes ao suicídio por não suportarem as dores e as pressões. Considerando esse panorama, o discurso de Chico Buarque denota uma atitude ousada de alguém que chama para si a responsabilidade de falar sobre essa

experiência brasileira a qual ele chamará anos mais tarde de “Página infeliz da nossa história” na música “Vai Passar”<sup>6</sup>.

Para a cultura brasileira, a ditadura militar representava simplesmente o fim da liberdade de expressão. A metáfora, a linguagem figurada, a mensagem cifrada, foram os meios utilizados para burlar a censura. Essa mensagem cifrada se repete em “Construção” e “Deus lhe pague”. Na primeira o operário “Tropeçou no céu...flutuou no ar...e se acabou no chão”. Na segunda “Pelos andaimes pingentes que a gente tem que cair”. Num tom lúgubre denuncia a morte prematura que passa despercebida aos olhares da maioria. E no desfecho de sucessivas frustrações em “Deus lhe pague” nos deparamos com: “Pela mulher carpideira pra nos louvar e cuspir. E pelas moscas-bicheiras a nos beijar e cobrir. E pela praz derradeira que enfim vai nos redimir”. Nos dois discursos encontramos uma linguagem nas entrelinhas com o mesmo nível de emergência: o desejo de acabar com a dominação de classe e redistribuir poder, um típico discurso antimilitar.

As cadências ritmadas se assemelham a uma oração que é repetida compulsivamente, mesmo nas trocas de frases ou palavras, não há perda na expressão. Paradoxalmente, o que ocorre na inversão de palavras é um ganho substancial no entendimento do enunciado como um todo. Em “Construção”, as palavras proparoxítonas usadas no final de cada frase, aumentam o tom sombrio e angustiante de um enredo que vai anunciando o final trágico. Há um crescente estado de tensão e numa descarga de emoções. Canções de protesto que exercem no ouvinte uma função catártica, agindo ao nível da afetividade propõe uma ruptura do silêncio que traga uma solução real para o plano histórico-

<sup>6</sup> Vai passar, música do disco Chico Buarque do ano de 1984 é uma música alegre que comemora a abertura política que daria em 1985 a Presidência da República ao primeiro civil depois de 20 anos o Dr. Tancredo Neves.

social.

Tanto o operário de “Construção” quanto o sujeito não identificado em “Deus lhe pague” deixa transparecer o sentimento de rejeição. O primeiro passa a vida anônimo e só é visto quando morre em plena via pública e atrapalha os demais transeuntes. O segundo agradece a cada migalha que recebe com um “Deus lhe pague” palavra muito usada pelos que fazem da mendicância o seu ganha pão. No entanto, o discurso buarqueano vai além do processo de identificação do outro. Os intelectuais interagem com essas músicas quando a colocam sob um prisma marxista e dela absorvem a imagem humanista e o apelo social.

Sem perder a originalidade, Chico Buarque expressa valores, críticas, realismo, intelectualidade, numa dimensão sociológica que retrata um povo triste que já encontrou a identidade tão procurada no Romantismo, mas se vê preso às amarras da força repressora que opera nas literaturas, nas músicas, nas artes em geral. Embora os anos de escravidão tenham ficado no século passado, a grande massa continua sob o jugo da chibata dos veículos de repressão. O Brasil que é fartamente conhecido por sua diversidade ecológica, cultural e étnica, mas nesse período vai se mostrar timidamente acanhado e com sinais de inferioridade que não permite aos cidadãos nenhuma transgressão, privilegiando a mal ou nenhuma informação. Dentro das músicas há um chamado para o despertar desse homem a fim de que construam uma nova sociedade, mais moderna, mais vigorosa, mais democrática e que consiga viver toda a hibridez étnica e cultural, construtores da própria cidadania. Segundo Bakhtin:

“Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (da mãe, etc.), e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo.” (BAKHTIN,1992:378)

As músicas de Chico Buarque não foram os únicos instrumentos de denúncia, ou os únicos discursos anti-militaristas. Outros modelos foram usados para expressarem a indignação, a revolta e os gritos de uma sociedade que sonhava com a liberdade de expressão. Foram também de grande valor nesse período as charges, artigos de revistas e jornais, panfletagens anônimas, passeatas de estudantes e dos sindicatos, até mesmo as igrejas e as religiões chegaram a interceder pelo não violência.

No entanto, no meio artístico, a força do discurso se mostrou poderosa, pois essa classe por dominar a arte da expressão, conseguiu levar muitas notícias do que acontecia no Brasil para o mundo. Mesmo observando que uma parte da população passou à margem e não percebeu muito bem o que aconteceu, conseguimos hoje traçar um paralelo da história cultural, política e social vivida nos “anos de chumbo” da ditadura militar. Dentre tantos outros valores, este é apenas um que nos leva a enfatizar que a arte de Chico Buarque não pode, nem deve, ser esquecida ou passar despercebida. Mesmo não sendo o Brasil um país de tradição intelectual, sempre haverá alguém interessado em desvendar a história partindo das vozes contidas nas músicas, nas poesias, nas artes em geral. Segundo Bakhtin:

“Não há uma palavra que seja a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico (este se perde num passado ilimitado e num futuro ilimitado). Mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os séculos passados, nunca estarão estabilizados (encerrados, acabados de uma vez por todas). Sempre se modificarão (renovando-se) no desenrolar do diálogo subsequente, futuro. Em cada um dos pontos do diálogo que se desenrola, existe uma multiplicidade inumerável, ilimitada de sentidos esquecidos, porém, num determinado ponto, no desenrolar do diálogo, ao sabor de sua evolução, eles serão rememorados e renascerão numa forma renovada (num contexto novo). Não há nada morto de maneira absoluta. Todo sentido festejará um dia seu renascimento.” (BAKHTIN,1992:414)

Seja na história dos livros didáticos, nas literaturas, nas revistas, nos filmes ou nas letras das músicas, sempre encontraremos vozes, contidas, controladas, de todas as formas, mas sempre com alguma intenção. O poder das artes já foi reconhecido há muito tempo, elas

atuam como captadores de movimentos do homem na sociedade. A análise do discurso, com seus teóricos, nos fornece os instrumentos necessários para, através de um discurso, traçarmos o panorama social de determinado período da história.

As músicas de Chico Buarque continuarão a ser analisadas e a cada abordagem novos dados serão revelados. Porque a leitura é o momento da interação no qual os interlocutores se identificarão desencadeando o processo de significação. Nesse processo a incompletude permitirá que cada leitor, dentro da multiplicidade de sentidos possíveis, contemple novos sentidos.

O Brasil, embora não seja um país de tradição intelectual viveu, nos anos da ditadura militar, uma das fases mais ricas em produção artística, principalmente na música. Nossa modesta contribuição á análise do discurso, não se encerra por aqui, mesmo porque está longe de esgotar os vários sentidos e as várias leituras possíveis. Existem muitas outras perspectivas a serem abordadas e um dos grandes valores dessas pesquisas reside no fato de conhecermos o passado para vermos melhor o futuro.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes,1992.
- BRAIT, Beth. (Org). Bakhtin conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto,2005.  
 \_\_\_\_\_Bakhtin outros conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto,2005.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução á análise do discurso. 8.ed. Campinas.SP: Editora da Unicamp,2002.
- COSTA VAL, Maria da Graça. Redação e textualidade. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*.2.ed.São Carlos: Claraluz,2007.
- FOUCAULT, Michel. *A.Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense,2004.  
 \_\_\_\_\_*Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes,2003.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 4.ed. São Paulo: Cortez,2005.  
 \_\_\_\_\_Termos-chave da análise dos discurso.Belo Horizonte: Editora da UFMG,2006.
- MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Christina. Introdução à lingüística:domínios e fronteiras. vol.2. São Paulo: Cortez,2004.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. A linguagem e seu funcionamento:as formas do discurso. 4.ed. São Paulo: Pontes,1996.276p.  
 \_\_\_\_\_O que é lingüística. 1.ed.9ªreimpr.São Paulo: Editora Brasiliense,1986.71p.  
<http://chicobuarque.uol.com.br/texto/index.html>
- [cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/resource/download/41390](http://cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/resource/download/41390)
- <http://www.revistafenix.pro.br/PDF3/Artigo%20Christian%20Alves%20Martins.pdf>
- [http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/PRG\\_0599.EXE/8698.PDF?NrOcoSis=25982&CdLinPrg=pt](http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/PRG_0599.EXE/8698.PDF?NrOcoSis=25982&CdLinPrg=pt)

**ANEXO I**

## CONSTRUÇÃO (1971)

Amou daquela vez como se fosse a última  
Beijou sua mulher como se fosse a última  
E cada filho seu como se fosse o único  
E atravessou a rua com seu passo tímido

Subiu a construção como se fosse máquina  
Ergueu no patamar quadro paredes sólidas  
Tijolo com tijolo num desenho mágico  
Seus olhos embotados de cimento e lágrima

Sentou pra descansar como se fosse sábado  
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe  
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago  
Dançou e gargalhou como se ouvisse música

E tropeçou no céu como se fosse um bêbado  
E flutuou no ar como se fosse um pássaro  
E se acabou no chão feito um pacote flácido  
Agonizou no meio do passeio público

Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse o último  
Beijou sua mulher como se fosse a única  
E cada filho seu como se fosse o pródigo  
E atravessou a rua com seu passo bêbado

Subiu a construção como se fosse sólido  
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas

Tijolo com tijolo num desenho lógico  
Seus olhos embotados de cimento e tráfego

Sentou pra descansar como se fosse um príncipe  
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo  
Bebeu e soluçou como se fosse máquina  
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo

E tropeçou no céu como se ouvisse música  
E flutuou no ar como se fosse sábado  
E se acabou no chão feito um pacote tímido  
Agonizou no meio do passeio público

Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina  
Beijou sua mulher como se fosse lógico  
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas  
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro  
E flutuou no ar como se fosse um príncipe  
E se acabou no chão feito um pacote bêbado

Morreu na contramão atrapalhando o sábado

## ANEXO I

DEUS LHE PAGUE (1971)

Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir  
A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir  
Por me deixar respirar, por me deixar existir

Deus lhe pague

Pelo prazer de chorar e pelo “estamos aí”  
Pela piada no bar e o futebol pra aplaudir  
Um crime pra comentar e um samba pra distrair

Deus lhe pague

Por essa praia, essa saia, pelas mulheres daqui  
O amor malfeito depressa, fazer a barba e partir  
Pelo domingo que é lindo, novela, missa e gibi

Deus lhe pague

Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir  
Pela fumaça, desgraça, que a gente tem que tossir  
Pelos andaimes, pingentes, que a gente tem que cair

Deus lhe pague

Por mais um dia, agonia, pra suportar e assistir  
Pelo rangido dos dentes, pela cidade a zunir  
E pelo grito demente que nos ajuda a fugir

Deus lhe pague

Pela mulher carpideira pra nos louvar e cuspir  
E pelas moscas-bicheiras a nos beijar e cobrir  
E pela praz derradeira que enfim vai nos redimir

Deus lhe pague.